



Lugares Comuns Trivia

O iceberg e o Titanic The iceberg and the Titanic

Texto / Text:
Pedro Castro Caldas

Bio:

- Licenciado em Engenharia Mecânica (IST) (1976) com formação complementar em "Large Power Plants Project Management" na ABB (CH) (ex-BBC);

- Funções de "Project Management" na Divisão de Energia da Mague;

- Funções de Direcção Técnica de Seguros nas áreas Não-Vida, na Tranquilidade, na HDI (Grupo Hannover) e desde 1993 na Ocidental Seguros e noutras parcerias de Seguros do Millennium bcp onde no período de 1994 a 2004 foi membro do "EUREKO Risk Management Group";

- Vice-Presidente da Comissão Técnica Não Vida da APS – Associação Portuguesa de Seguradores.

Bio:

- Five year university degree in Mechanical Engineering (IST – Instituto Superior Técnico) (1976) with additional training in Large Power Plants Project Management at ABB (CH) (ex-BBC);

- Responsible for Project Management in the Energy Division of Mague;

- Responsible for Technical Insurance Management in Non-Life areas at Tranquilidade, HDI (Hannover Group) and, since 1993, at Ocidental Seguros and in other Millennium bcp partnerships where from 1994 to 2004 he was a member of the EUREKO Risk Management Group;

- Vice-Chairman of the Non-Life Technical Committee of the APS – Portuguese Association of Insurers.

No Dicionário, “lugar-comum é uma expressão derivada do latim *locus communis*, nos tempos modernos assumindo o sentido pejorativo de expressão trivial, banal, que se repete frequentemente, sendo que, na retórica clássica, o conceito de lugar-comum possuía uma validade literária e discursiva, que o uso moderno rejeita, de associação de ideias (necessariamente já conhecidas pelo público, ou de outra forma a persuasão procurada seria inconsequente) permitindo orientar o interlocutor na compreensão (e convencimento) dos argumentos”.⁽¹⁾

Longe de mim querer adoptar a “retórica clássica” do “lugar-comum”, pretendendo dar conteúdo literário às breves considerações que periodicamente me proponho fazer nesta coluna, ou ter propósitos de “orientar” e “convencer” os leitores. Não se tratará disso. O que proponho é retórica dos “tempos modernos”, isto é, teoria “trivial e banal, que se repete frequentemente”, mas que em grande número de vezes pouco se pratica.

Constituem “lugares comuns” as práticas diárias, quer das pessoas quer das organizações, de serem impulsionadas por condutas não conformes nem com as melhores práticas de comportamento nem com os propósitos de segurança de forma a evitarem percalços. Ora, se estes factores aleatórios de risco forem correctamente percebidos e previamente avaliados e quantificados, essa percepção, avaliação e quantificação mesmo que empíricas poderão contribuir para a contenção ou para a não ocorrência desses percalços ou pelo menos para minorar as suas consequências.

(1): e-dicionário de termos literários (Carlos Ceia)

In the dictionary, “commonplace is an expression derived from the Latin locus communis, in modern times taking on the pejorative meaning of a trivial, banal, frequently repeated expression, whereas in classical rhetoric the concept of commonplace had a literary, discursive validity, which modern use rejects, of an association of ideas (necessarily already familiar to the public, as otherwise the desired persuasion would be fruitless) making it possible to guide the interlocutor to understand (and be convinced by) the arguments”.⁽¹⁾

It would never cross my mind to try to adopt the “classical rhetoric” of “commonplace” by attempting to give literary content to the brief remarks I am occasionally asked to make in this column, or to set out to “guide” or “persuade” the reader. This will not be my purpose. What I propose is rhetoric of “modern times”, i.e. a “trivial, banal, frequently repeated” theory, but one which in many instances is little practised.

“Commonplaces” are the daily practices, whether of people or organisations, of being driven by conduct that conforms neither with the best practices of behaviour nor with the safety measures designed to prevent accidents. Now if these random risk factors are properly understood and previously assessed and quantified, this understanding, assessment and quantification, albeit empirical, can contribute to the containment or non-occurrence of these accidents or at least to mitigating their consequences.

It is in this context that the allegory of the “Iceberg” commonly appears, in which its submerged “unknown” part represents the real risk to shipping, so that for centuries it has been good practice for ships to avoid blocks of ice even if

(1): e-dictionary of literary terms (Carlos Ceia)

É neste contexto que é vulgar apresentar-se a alegoria do “iceberg” em que a sua parte submersa e “desconhecida” representa o verdadeiro risco à navegação, constituindo boa prática secular os navios evitarem as paragens geladas mesmo que para tal tenham que alterar rotas, apesar das embarcações serem as mais seguras e a mais velozes. Foi aliás ao contrariar estas boas práticas que o Titanic, na vanguarda da técnica e da segurança, foi ao fundo com grande parte dos seus passageiros e tripulação, que como é sabido nem sequer dispunham dos meios necessários e suficientes de salvamento, apesar de quase até ao final da tragédia, reinar um ambiente de grande confiança de invulnerabilidade na 1ª classe quando a 3ª classe já estava inundada, como recentemente, em forma de alegoria, referia um ilustre conferencista a propósito da crise que actualmente se vive.

As lições a tirar do “Iceberg” e do “Titanic” são que não há “organizações perfeitas” nem “optimismos da 1ª classe” que, mais tarde ou mais cedo, fiquem incólumes ou indiferentes às consequências quer da falta de planeamento das contingências, quer às atitudes e comportamentos desviantes das boas práticas de quantificação permanente dos factores de risco “conhecidos”, e de avaliação e percepção dos riscos “desconhecidos” ou por avaliar, de forma a tornar sustentáveis os objectivos e a esperança de saúde e sobrevivência futura das pessoas e das organizações.

Ora, na actual conjuntura de crise de valores, o desafio consiste precisamente na identificação das insuficiências decorrentes da gestão tradicional das organizações, tão mais evidentes à medida que forem sendo desvendados os comportamentos desviantes das boas práticas que determinaram as actuais incertezas e as suas consequências, e forem sendo determinadas as necessárias acções correctivas, estabelecendo e adoptando os devidos procedimentos para controlar os limites de risco aceitáveis pelas organizações e transferindo para os seguros ou para outros mecanismos fiáveis de protecção financeira, a totalidade ou pelo menos uma parte dos riscos “submersos” que excedam o grau de tolerância considerado aceitável para a sustentabilidade das organizações.

Adaptando e adoptando o conhecido slogan, é o “risk management”, estúpido!

this means they have to change course, no matter how safe and fast they are. In fact it was when she neglected these good practices that the Titanic, albeit cutting-edge technically and safety-wise, sank with most of her passengers and crew. As we know, she did not even have the necessary or sufficient life-saving equipment, although until nearly the end of the tragedy there reigned an air of great confidence in her invulnerability in the first-class area when the third-class area was already flooded – as an illustrious conference speaker recently pointed out, by way of an allegory, referring to the crisis we are now experiencing.

The lessons to be drawn from the “Iceberg” and the “Titanic” are that there are no “perfect organisations” or “first-class optimisms” that remain forever immune or indifferent to the consequences either of a lack of contingency planning or of attitudes and behaviour that deviate from the good practices of constantly quantifying “known” risk factors and assessing and understanding “unknown” risks, or from making assessments in order to render the goals and hope for the health and future survival of people and organisations sustainable.

In the present situation of a crisis of values, the challenge consists precisely in identifying the insufficiencies resulting from the traditional management of organisations, which are all the more evident as the behaviour deviating from good practices that led to the current uncertainties and their consequences are being revealed, and the necessary remedial measures are being determined by establishing and adopting the appropriate procedures to control the acceptable limits of risks for organisations and transferring to insurance companies or other reliable financial protection mechanisms all or at least part of the “submerged” risks that exceed the level of tolerance considered acceptable for the sustainability of organisations.

Adapting and adopting the famous slogan, it’s “risk management”, stupid!

“... o desafio consiste precisamente na identificação das insuficiências decorrentes da gestão tradicional das organizações...”

“...the challenge consists precisely in identifying the insufficiencies resulting from the traditional management of organisations...”